

ESTILOS DE PENSAMENTO DOS REFERENCIAIS EM PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE GÊNERO E VIOLÊNCIA INDEXADAS NA BASE DE DADOS SCIELO

Gabriele Strochain¹

Rúbia Emmel²

Resumo: Este artigo apresenta uma análise das temáticas gênero e violência, levantadas a partir de pesquisas da base de dados da Scientific Electronic Library Online (Scielo), no período de 2009 a 2019. O objetivo principal foi compreender as contribuições dos autores das publicações sobre gênero e as relações com violência, apresentadas na base de dados Scielo, na constituição de estilos e coletivos de pensamento que caracterizam a pesquisa do tema. A Análise Textual Discursiva possibilitou aproximações com a epistemologia fleckiana, sendo possível identificar nesta pesquisa que o coletivo de pensamento é unidade social da comunidade de pesquisadores do tema gênero.

Palavras-chave: Análise textual discursiva; violências; Epistemologia fleckiana.

Abstract: This article analyzes the issues of gender and violence based on a search conducted on the SciELO database from 2009 to 2019. With that, it aims to evaluate scientific contributions to gender and gender-based violence in shaping the styles and collective thought that characterize research of the theme. Data underwent discourse analysis, enabling approximations with the Fleckian epistemology and the identification of a social unit of the community of researchers on gender, translated into the verified collective thought.

Keywords: Discourse Analysis. Violence. Fleckian epistemology.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição- NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Acadêmica, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal Farroupilha, Brasil. E-mail: strochain.gabriele@gmail.com. Orcid: 0000-0001-8203-4965

2 Doutora em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Professora Doutora em Pedagogia, Instituto Federal Farroupilha, Brasil. E-mail: rubia.emmel@iffarroupilha.edu.br. Orcid: 0000-0002-4701-8959

Introdução: elaborando alicerces e interfaces para a constituição da pesquisa sobre gênero e violência

As temáticas de gênero e violência vêm sendo utilizadas em pesquisas brasileiras (BUTLER, 2010; SAFFIOTI, 1995, 2004; SILVA, 2004). Ressalta-se que essas pesquisas são produzidas nas mais diversas áreas de nossa sociedade (educação, saúde, serviços sociais, direitos humanos, políticas públicas) e desenvolvidas também no âmbito dos programas de pós-graduação, em mestrados e doutorados. Logo, uma análise dessa produção é fundamental, para que a investigação e caracterização descritas evidenciem as concepções epistemológicas e as condições históricas de sua produção.

Ao buscar uma concepção de gênero, os estudos de Silva (2004) estabeleceram que esse conceito é historicamente recente, além disso, a palavra “gênero” foi utilizada pela primeira vez no sentido de dar conta dos aspectos sociais do sexo. Seguindo os estudos do autor, a palavra “gênero” estava restrita na gramática para designar o “sexo” dos substantivos, e gênero opõe-se a sexo: “enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo gênero refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual” (SILVA, 2004, p. 91). Esses conceitos de gênero, enraizados em nossa sociedade patriarcal, são produtores de desigualdade. Ao se analisar a palavra “patriarcado”, que se origina da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem, comando) e, conforme Colling e Tedeschi (2019, p. 578) apontam, ela se define como uma expressão, “uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder”. Maio (2020, p. 8) destaca “que o patriarcado é baseado em um sistema de hierarquia baseado nas questões de gênero, que atribui, quase desde o útero, mais valor e supremacia aos homens”. Esse sistema hierarquizado e aprisionador faz com que tanto homens quanto mulheres acabem reforçando conceitos patriarcais.

Considerando os dilemas que envolvem as pesquisas da área de Gênero, este estudo tem sua problemática envolta nas questões: (1) Quais eixos teóricos dos referenciais de gênero estão refletidos nas pesquisas sobre gênero e violência? (2) Que estilos e coletivos de pensamento constituem essas pesquisas? Por isso, esta pesquisa, que amplia os estudos sobre gênero, apoia-se nas categorias da epistemologia de Fleck (2010), para compreender as contribuições dos autores das publicações sobre gênero e violência, apresentadas na base de dados, na constituição dos estilos e coletivos de

pensamento que caracterizam a pesquisa do tema. Fleck (2010) identifica três fases da estruturação de um estilo de pensamento: instauração, extensão e transformação. Um estilo de pensamento instaura-se quando um problema é encarado como tal por mais de uma pessoa, por um coletivo de pensamento. O critério para reconhecer um estilo de pensamento é histórico e exige uma análise sócio-histórico-cultural do fato em estudo.

Esses questionamentos geram o objetivo geral desta pesquisa: compreender as contribuições dos autores das publicações sobre gênero e as relações com a violência, apresentadas na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), na constituição de estilos e coletivos de pensamento que caracterizam a pesquisa do tema. Este artigo apresenta uma análise das pesquisas sobre gênero e violência, a partir da busca de artigos de revistas indexados na base de dados SciELO no período de 2009 a 2019. A base de dados possibilitou a identificação de grupos temáticos que caracterizam as pesquisas de caráter documental sobre gênero e violência, categorizando, através da Análise Textual Discursiva (ATD), as linhas teóricas e diferentes concepções presentes na base de dados pesquisados.

Referencial teórico: em busca de um diálogo... aproximando a teoria de Fleck das pesquisas sobre gênero e violência no Brasil

Os artigos sobre gênero e violência, indexados no SciELO, constituem-se como proposta de estudo, em que estão contidas algumas percepções, anseios, perspectivas e vozes que vislumbram a mudança na produção de conhecimentos mais abrangentes, com várias nuances constitutivas de estilos e coletivos de pensamento (FLECK, 1986), característicos de uma episteme das pesquisas sobre gênero.

Neste trabalho, pretende-se aproximar as pesquisas de gênero aos pressupostos epistemológicos, que estão referenciados em Fleck (1986), a partir das categorias de estilo de pensamento e coletivo de pensamento. Esse autor recorreu à Sociologia do Conhecimento para elaborar sua análise, embasando-se nos condicionantes sociais, culturais e históricos da produção do conhecimento. O autor propõe que, no coletivo de pensamento se estabelecem ideias inter e intracoletivas, que se opõem ao empirismo lógico, à produção cumulativa do conhecimento e à neutralidade do sujeito do conhecimento.

Dessa forma, procurou-se compreender o desenvolvimento de suas ideias e estabelecer conexões entre o seu pensamento e a pesquisa sobre

gênero e violência publicada em artigos científicos, enquanto objeto deste estudo, vislumbrando estabelecer uma confluência e reconhecer quem compõe esse coletivo de pensamento.

Para a compreensão da concepção teórica de Fleck e o seu uso como referencial, num primeiro momento, será exposto de modo conciso seu pensamento, através de uma visita a sua produção e a algumas produções que utilizaram esse referencial como base.

Apresentando as categorias epistemológicas de Ludwik Fleck

O epistemólogo Ludwik Fleck (1896-1961) foi um médico polonês de família judia, atuou como clínico geral e trabalhou em laboratórios de bacteriologia e bioquímica. Influenciado pelo clima científico interdisciplinar estabelecido pelo Império Austro-Húngaro nas regiões de origem polonesa.

Fleck (1986, p. 27) estabeleceu categorias, tais como “coletivo de pensamento” (CP), definido como “comunidade de indivíduos que compartilham práticas, concepções, tradições e normas”, em que a maneira de ver o objeto do conhecimento (o ver formativo) e de interagir com ele determina o estilo de pensamento. Em Fleck, a ciência não é uma construção formal, mas essencialmente uma atividade levada a cabo por comunidades de investigadores, que forma o denominado CP.

O estilo de pensamento é definido como “um perceber dirigido com a correspondente elaboração intelectual e objetiva do percebido” (FLECK, 1986, p. 145). O estilo se caracteriza pelos problemas que interessam ao coletivo, pelos juízos que o pensamento coletivo considera evidentes e pelos métodos que empregam como meio de conhecimento. Além disso, ele proporciona uma coerção sobre os indivíduos, determinando o que não pode ser pensado de outra forma. Por consequência, o coletivo de pensamento existe sempre que duas ou mais pessoas compartilham o mesmo estilo de pensamento. O coletivo consiste numa comunidade que não deve ser confundida com um grupo fixo ou uma classe social, uma vez que um mesmo indivíduo pode participar de mais de um coletivo de pensamento (FLECK, 1986).

Neste ponto, podem ser encontradas as primeiras articulações com o processo da comunicação científica, em particular na disseminação científica, em que a nomenclatura (intrapares e extrapares) já referencia os coletivos de pensamento especializados, constituídos pelos pesquisadores e seus pares. O pesquisador de hoje vai encontrar estilos diferentes de

pensamento, memórias sociais diferentes, perpassadas por interesses diferentes daqueles existentes em séculos passados.

Essa abordagem epistemológica se diferencia na relação entre o sujeito e o objeto, tradicionalmente interpretada de forma dicotômica. Para Fleck (1986, p. 37) “ao contrário, coexistem o sujeito (coletivo e o individual), objeto, estilo e coletivo de pensamento, intermediados pelas denominadas conexões ativas e passivas”. Fleck (1986) coloca, acerca dos pesquisadores, que estes:

[...] vão transformando lentamente as bases originais de seus trabalhos, transformação que passa despercebida por eles mesmos quando contemplam retrospectivamente o caminho seguido, pois as transformações do conteúdo concebido têm lugar sem que os indivíduos percebam. O progresso do conhecimento consiste no desenvolvimento coletivo incessante do estilo de pensamento. Considerando que não há nenhuma base objetiva para que um determinado estilo de pensamento possa ser qualificado como mais valioso do que outro. (p. 25).

Para esse autor, o coletivo de pensamento detentor de certo grau de estabilidade corresponde a um estilo que possui conteúdos, forma e tema exclusivos, além de mobilizar uma linguagem específica que o diferencia dos demais coletivos. As comunidades de pensamento estáveis (ou comparativamente estáveis) cultivam, como outras comunidades organizadas, certa exclusividade formal e temática. “Disposições legais e hábitos arraigados, às vezes uma linguagem especial – ou ao menos termos especiais – isolam formalmente, ainda que não de forma absolutamente obrigatória, a comunidade de pensamento” (FLECK, 1986, p. 150).

Para Fleck (1986), um fato científico é influenciado pelas condições sociais, culturais de uma época, ou seja, o estilo de pensamento daquele momento histórico. “Enquanto o coletivo de pensamento seria uma comunidade de cientistas que compartilham o ideal de um estilo de pensamento” (FLECK, 1986, p. 139). Para o autor, todo descobrimento empírico só pode ser concebido como um complemento, como um desenvolvimento ou como uma transformação do estilo de pensamento.

Neste sentido, Fleck (1986) coloca que:

[...] o campo de investigação, quanto mais desconhecido e quanto mais novo é um campo de investigação, menos claros são os experimentos [...] o conhecer muda o cognoscente adaptando-o harmonicamente ao conhecido e esta situação assegura

a harmonia acerca da origem do conhecimento dentro da visão dominante [...] essa teoria do conhecimento conduz necessariamente a investigação do estilo de pensamento, já que este é o seu objeto por excelência. (p. 133-134).

Fleck (1986) diferencia a sua discussão da de outros epistemólogos, devido à especificidade das regras gerais do coletivo de pensamento, seus círculos eso e exotéricos e a circulação de ideias intra e intercoletivas. Quanto ao saber, Fleck (1986) destaca que ele vive no coletivo e se reelabora incessantemente, na medida em que os estilos de pensamento condicionam os diferentes coletivos de pensamentos. Por esta linha, o saber se torna uma atividade social em que o conhecimento científico é corroborado, discutido, através da circulação “intercoletivas e intracoletivas de ideias” (FLECK, 1986, p. 141) que repercutem na transição e constituição de um estilo de pensamento (QUEIRÓS; NARDI, 2008).

Fleck (1986) destaca o papel atribuído à circulação do conhecimento, tanto para os elementos que formam o coletivo de pensamento quanto para os outros indivíduos que não compartilham desse estilo de pensamento. Define que o coletivo de pensamento é formado por dois círculos, círculo esotérico e círculo exotérico, existindo entre eles a circulação intracoletiva de ideias.

A estrutura geral do coletivo de pensamento consiste na formação de um pequeno círculo esotérico e de um grande círculo esotérico formado pelos componentes do coletivo de pensamento em volta a uma determinada criação de pensamento, seja esta um dogma de fé, uma ideia científica ou um pensamento artístico. Um coletivo de pensamento se compõe de muitos círculos interseccionados, por sua vez, um indivíduo pode pertencer a vários círculos exotéricos e a uns poucos – e, às vezes, a nenhum – esotérico (FLECK, 1986, p. 152).

A presença de um círculo esotérico formado por especialistas de uma determinada área do conhecimento caracteriza a identidade primeira do coletivo de pensamento, por ser o portador do estilo de pensamento. É a partir desse núcleo de conhecimentos e de práticas compartilhadas que se origina o círculo exotérico, constituído por leigos formados que passam a interagir com o círculo esotérico, adquirindo o conjunto de elementos que formam o estilo de pensamento.

Fleck (1986) traz que o círculo esotérico e o exotérico formam um círculo de dependência do saber, uma vez que do saber especializado (esotérico) surge o popular (exotérico), formando uma opinião pública específica que repercute no especialista, que, por sua vez, influencia o ciclo novamente.

Contribuições da epistemologia de Fleck para a análise das pesquisas sobre gênero e violência no Brasil

Ao reconhecer e estudar o papel da trajetória de pesquisa que tem como objeto de estudo o gênero e a violência no Brasil, percebeu-se que há um aumento significativo e constante neste cenário de pesquisas e publicações, que, no Brasil, surgem desde a década de 1980; sendo que nesta pesquisa se evidencia a partir da década de 1990 (LOURO, 1997; MUHLEN; STREY, 2017; SAFFIOTI, 2001; SAFFIOTI, 2011; SILVA, 2004). Assim, são muitas as interfaces de pesquisa acerca do tema, cada uma utilizando diferentes caminhos de pesquisa de alicerce.

Ao considerar o estilo de pensamento, podemos defini-lo como as categorias e temas de pesquisa que se apresentam nas análises dos dados, analisando-se que cada artigo da base de dados se insere em estilos de pensamento perpassados por coletivos de pensamento.

Nesse sentido, o coletivo de pensamento é unidade social da comunidade de pesquisadores de um campo determinado do saber, que se caracteriza neste estudo como gênero e violência, enquanto o estilo de pensamento são as pressuposições sobre as quais o coletivo forma um edifício teórico ou grupo, que caracterizamos como as concepções de gênero elencadas nessas pesquisas. Destaca-se, ainda, que o estilo de pensamento pode ser, conforme Lorenzetti (2007), considerado como os conhecimentos e as práticas compartilhadas por membros da comunidade de pesquisa, que constitui o coletivo de pensamento.

Gênero e violência são uma temática que pode fazer parte também dos cursos de formação inicial de professores das diferentes áreas do saber, pois este tema perpassa tanto a academia quanto as escolas em que atuam. É necessário que o professor tenha conhecimento das linhas teóricas e das problemáticas relacionadas a essa temática. Para além da formação inicial na licenciatura, é preciso que os cursos de formação continuada se preocupem com essa problemática, pois temos anos de formação inicial e continuada com esta lacuna. Essa discussão pode ser constante no âmbito escolar, sendo que os professores podem ter conhecimento e subsidiar a discussão do tema.

Isso pode repercutir na área de pesquisa, com a resignificação do tema nas escolas. Seria importante possibilitar aos professores, tanto na formação inicial quanto na continuada, discussões e análises dessa temática, para constituir uma consciência crítica acerca da dinâmica do processo de construção

social, cultural e curricular. Por consequência, conseguiríamos garantir uma responsabilidade maior dos próprios professores quanto aos trabalhos desenvolvidos, que incentivem a autonomia e autoria dos estudantes.

De modo a delinear caminhos investigativos, permitindo uma aproximação das categorias epistemológicas de Fleck e a pesquisa sobre gênero e violências, constituem-se as análises desta pesquisa, que apresenta os artigos da base de dados.

Metodologia: a trajetória da pesquisa

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), do tipo documental, a partir de uma revisão da literatura na base de dados de pesquisas brasileiras indexadas no Scielo.

A seleção de pesquisas e constituição de planilhas com coleta de dados foram realizadas por meio dos seguintes critérios: (1) ano (2009 a 2019), com um total de 77 pesquisas com os termos de busca: “gênero” e “violência”; (2) realizou-se uma seleção a partir do critério de análise das pesquisas de tipo documental, assim, o recorte delimitou 19 pesquisas; (3) em cada pesquisa, foram realizadas leituras e buscas das referências do termo “gênero”; (4) a partir das buscas, foi possível realizar a análise das relações entre gênero e violência.

A pesquisa qualitativa trabalha com informações apresentadas em forma de texto, ou seja, é realizada por meio da análise textual, no sentido de se aproximar todos os discursos e textos. Segundo Moraes e Galiazzi (2011), a Análise Textual Discursiva (ATD) é entendida como um processo de desconstrução, para se reconstruir um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo, a partir disso, novos conceitos sobre fenômenos e discursos. Esse processo envolve identificar e isolar enunciados das pesquisas analisadas, categorizar os enunciados e produzir textos, integrando na análise uma descrição e interpretação, sendo utilizado como base de sua construção o sistema de categorias construído.

A ATD tem como objetivo a produção de metatextos baseados nos textos do *corpus*. Esta metodologia de análise dos dados divide-se em três etapas, conforme Moraes e Galiazzi (2011). Inicia-se com a desconstrução e unificação, processo que implica examinar os textos (nesse caso, as pesquisas) em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados (relação de gênero com a violência). A segunda etapa do processo consiste em

estabelecer as relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as. Essa etapa se chama “categorização”, reunindo esses elementos unitários que são as unidades de significado (US) na formação de conjuntos, elementos próximos, resultando, assim, em um sistema de categorias. A partir dos processos anteriores, tem-se, na terceira etapa, a produção dos metatextos, uma nova visão, uma compreensão renovada do todo. Os metatextos são resultantes desse processo, representando um esforço de explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos em grupos temáticos.

A organização das análises se inicia com o processo de auto-organização, emergindo novas compreensões. Considerando assim, a descrição como “um movimento na linguagem para que o próprio sujeito se dê conta do modo como o fenômeno se mostra, para que perceba suas pré-compreensões e preconceitos, o que pode levar à ampliação ou mesmo à superação deles” (SOUSA; GALIAZZI; SCHMIDT, 2016, p. 320). Os resultados são originais, não sendo previstos no início do processo analítico.

Moraes (2003), em “Uma tempestade de Luz”, ressalta que “o ciclo da análise textual é focado em um exercício de elaborar sentidos” (MORAES, 2003, p. 193). O autor ainda escreve que “os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos” (MORAES, 2003, p. 193). Em Moraes (2003), a ATD tem como objetivo construir compreensões com base em conjuntos de textos, analisando e expressando-os a partir da análise, dos sentidos e significados que possibilitam ler.

A partir da base de dados, foram criados três gráficos e cinco tabelas com o objetivo de uma análise mais aprofundada dos artigos. As seguintes tabelas e gráficos foram produzidos: Tabela 1 – Apresentação das pesquisas sobre gênero e violências na base de dados Scielo; Gráfico 1 – Estilos de pensamento nos referenciais das pesquisas de gênero e violências; Gráfico 2 – Autores referenciados nas pesquisas com quatro US ou mais; Gráfico 3 – Grupos Temáticos com representação de número de autores e número de US; Tabela 2 – Sociedade e Direito Social; Tabela 3 – Machismo e Feminismo; Tabela 4 – Reflexões sobre a Violência; Tabela 5 – Gênero, corpo e sexualidade.

As questões éticas de pesquisa foram respeitadas, uma vez que foram analisados trabalhos acadêmicos selecionados em base de dados de domínio público na web 2.0. Os artigos encontrados foram nomeados por uma letra “P” (pesquisa), seguidas de numeração em ordem crescente: P1 a P19.

Compreendendo a base de dados das pesquisas brasileiras de gênero e violência a partir dos coletivos e estilos de pensamento

Apresentamos as análises dos artigos da base de dados Scielo que foram produzidas inicialmente pela busca das pesquisas sobre gênero e violência e, posteriormente, filtrados os artigos com a metodologia de pesquisa documental. A busca na base de dados Scielo se delimitou aos artigos publicados entre os anos de 2010 a 2019. Através dos resultados da busca se indicou um quantitativo de 19 pesquisas com a metodologia de pesquisa documental (em ordem decrescente).

A base de dados da Tabela 1 apresenta as pesquisas brasileiras indexadas no Scielo, com descrição dos títulos, dos autores e dos anos, que constituem o *corpus* da pesquisa, com a finalidade de identificar de modo geral cada pesquisa deste recorte na temática da relação de gênero e violências, possibilitando um panorama das pesquisas

Tabela 1: *Corpus* de análise de pesquisas

| TÍTULO | AUTOR/ANO | C* |
|---|---|----|
| Marcas da violência e jogos do poder no romance urbano de Patrícia Melo | Cláudia Castanheira (2019) | P1 |
| Intervenções comunitárias relacionadas à violência entre parceiros íntimos adolescentes: revisão de escopo | Rafaela Gessner Lourenço; Lucimara Fabiana Fornari; Danyelle Leonette Araújo dos Santos e Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca (2019) | P2 |
| Políticas de Saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-brasileiro: especificidades e aproximações | Rafaela Schaefer; Rosangela Barbiani; Carlise Rigon Dalla Nora; Karin Viegas; Sandra Maria Cezar Leal; Priscila Schmidt Lora; Rosane Ciconet e Vania Dezoti Micheletti (2018) | P3 |
| Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher | Marília de Oliveira de Sousa e Paula Martins Sirelli (2018) | P4 |
| “Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil | Aline Veras Morais Brilhante; Marilyn Kay Nations e Ana Maria Fontenelle Catrib (2018) | P5 |
| Autonomia para quem? O discurso médico hegemônico sobre a violência obstétrica no Brasil | Luciana Aparecida Palharini (2017) | P6 |
| Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil | Carmem Regina Delziovo; Carolina Carvalho Bolsoni; Nazaré Otília Nazário e Elza Berger Salema Coelho (2017) | P7 |

Continua...

Tabela 1: Continuação.

| TÍTULO | AUTOR/ANO | C* |
|--|--|-----|
| Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos | Andreza do Socorro Pantoja de Oliveira Smith e Jorge Luiz Oliveira dos Santo (2017) | P8 |
| Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres | Renata Floriano de Sousa (2017) | P9 |
| Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador | Moisés Santos Menezes e Joilson Pereira Silva (2017) | P10 |
| Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros | Toni Reis e Edla Eggert (2017) | P11 |
| Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher | Laura Christina Macedo Piosiadlo; Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca e Rafaela Gessner (2014) | P12 |
| O feminicídio na ficção de autoria feminina Brasileira | Carlos Magno Gomes (2014) | P13 |
| Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil | Adriana Piscitelli (2014) | P14 |
| Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo | Rosana Medeiros de Oliveira; Debora Diniz (2014) | P15 |
| A violência sexual contra crianças e adolescentes: conhecer a realidade possibilita a ação protetiva | Viviane Amaral dos Santos; Liana Fortunato Costa (2011) | P16 |
| Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência | Nilson Fernandes Dinis (2011) | P17 |
| Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens | Flávia Bulegon Pilecco; Daniela Riva Knauth; Álvaro Vígo (2011) | P18 |
| Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE | Márcia Santana Tavares (2010) | P19 |

Fonte: Elaboração própria (2021). Nota: *C: Código que será indicado nas Unidades de Significado apresentadas no decorrer do texto.

Considera-se, nesta pesquisa, que a análise e sistematização de artigos sobre gênero e violência, com base na leitura de Ludwik Fleck (2010), podem contribuir para o estado do conhecimento da área, pois se evidencia o caráter epistemológico dessas pesquisas, permitindo reconhecer e traçar parâmetros e socializar a produção existente sobre o tema.

A partir das pesquisas selecionadas, foram realizadas leituras e identificadas as características dessas produções, reconhecendo elementos que caracterizassem os estilos de pensamento das referências. As referências relacionadas com gênero foram tabeladas, sendo que foram identificadas 62,

somando todas as pesquisas. Os autores que foram encontrados duas ou mais vezes foram selecionados e sistematizados em outro quadro, totalizando 32 referências. Houve nove autores que foram encontrados pelos menos duas ou mais vezes nas pesquisas. Após isso, foram realizadas leituras das pesquisas, buscando excertos das citações diretas e indiretas desses autores, os textos na etapa de desconstrução e unificação, a partir da qual se constituiu uma tabela. Desses excertos, foram destacadas US, que foram reunidas e colocadas em grupos temáticos, com o auxílio da ferramenta de filtro do Excel.

Identificação dos estilos de pensamento a partir de Fleck na produção das pesquisas brasileiras sobre Gênero e as relações com a Violência

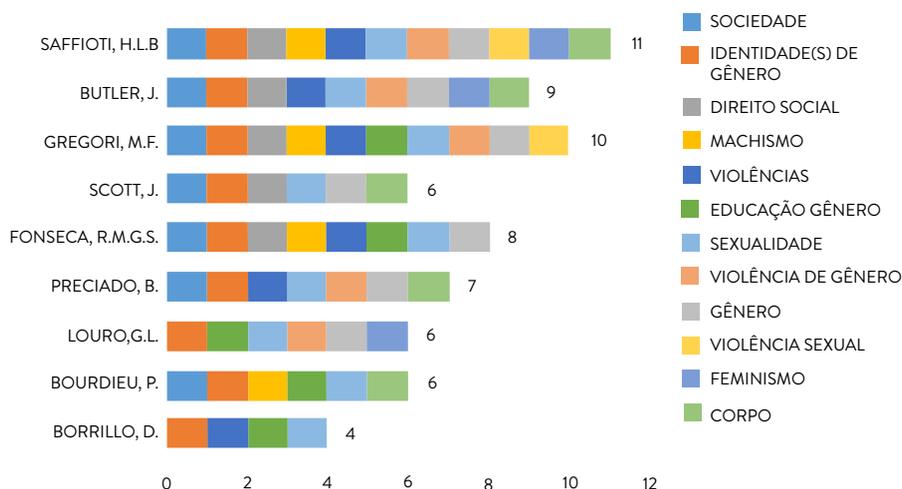
O Gráfico 1 foi organizado de acordo com o agrupamento dos grupos temáticos, realizado a partir das US-chave retiradas dos excertos, por meio da ATD (MORAES; GALIAZZI, 2006). O agrupamento das US foi realizado de acordo com sua proximidade semântica e de significado para constituir bases e pressupostos teóricos e epistemológicos das autorias e referências citadas na temática de gênero.

A partir da elaboração do Gráfico 1, foi possível a visibilidade dos coletivos de pensamento, que, parafraseando Fleck (2010), são grupos que, mesmo distantes fisicamente, estão alinhados intelectualmente, seguindo uma determinada perspectiva epistemológica e metodológica. Esses coletivos, por sua vez, formam o estilo, ou seja, o conhecimento que parte da construção coletiva, do pesquisador e seus pares, que usam os mesmos referenciais e têm as mesmas perspectivas. A partir das leituras em Fleck (2010), compreende-se que o olhar de cada pesquisador, suas vivências e suas histórias vão contribuir para dar diferentes sentidos e visões ao mesmo objeto, no caso, a pesquisa.

Foram identificados, no total, 19 obras referências sobre gênero, sendo que nove autores apareceram duas ou mais vezes nas pesquisas, apresentados no Gráfico 1. São estes: Borrillo (2009); Bourdieu (1982, 2002); Butler (2001, 2003); Fonseca (2007, 2009, 2017); Gregori (2008, 2010); Louro (1997, 2000); Preciado (2002, 2008, 2011); Saffioti (1995, 1999, 2004); Scott (1995). Destaca-se que Saffioti foi encontrada em seis pesquisas, ou seja, é a autora mais utilizada para referências de gênero. Identifica-se, no Gráfico 1, uma escala numérica no eixo horizontal que representa o número de grupos temáticos por autor.

Na ATD foram encontradas 58 US, que permitiram aproximações. Buscou-se, a partir disso, reorganizar as US por temas, havendo algumas muito próximas em significados e sinônimos e algumas mais frequentes. Originando os fragmentos que permitiram constituir um “patchwork”, evidenciando as relações entre autores das pesquisas, obras referências e temas de pesquisa.

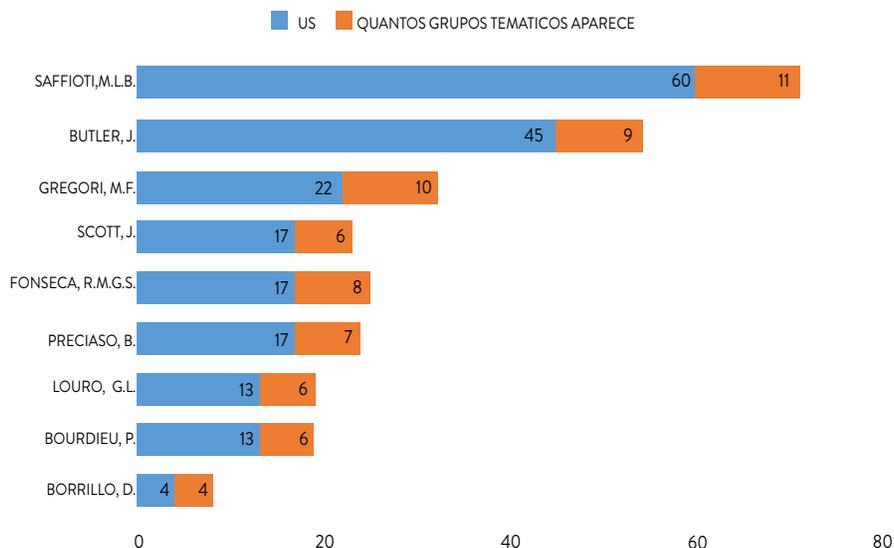
Gráfico 1: Estilos de pensamento nos referenciais das pesquisas de gênero e violência



Fonte: Elaboração própria (2021).

A definição conceitual para alguns dos grupos temáticos fundamentou essa constituição, que, no que lhe concerne, delineou e originou os 12 grupos temáticos, que são apresentados e analisados nesta pesquisa, inicialmente no Gráfico 1. Posteriormente, o Gráfico 2 apresenta os autores e o número de US e grupos temáticos.

Os autores referenciados, cujas citações identificaram mais US, foram Saffioti (60 US em 11 grupos temáticos), Butler (45 US em nove grupos temáticos), Gregori (22 US em 10 grupos temáticos), Scott (17 US em seis grupos temáticos), Fonseca (17 US em oito grupos temáticos), Preciado (17 US em sete grupos temáticos), Louro (13 US em seis grupos temáticos), Bourdieu (13 US em seis grupos temáticos) e Borrillo (quatro US em quatro grupos temáticos). Destacando novamente Saffioti como a autora com mais referências por grupo e em mais grupos temáticos.

Gráfico 2: Autores referenciados nas pesquisas com quatro US ou mais

Fonte: Elaboração própria (2021).

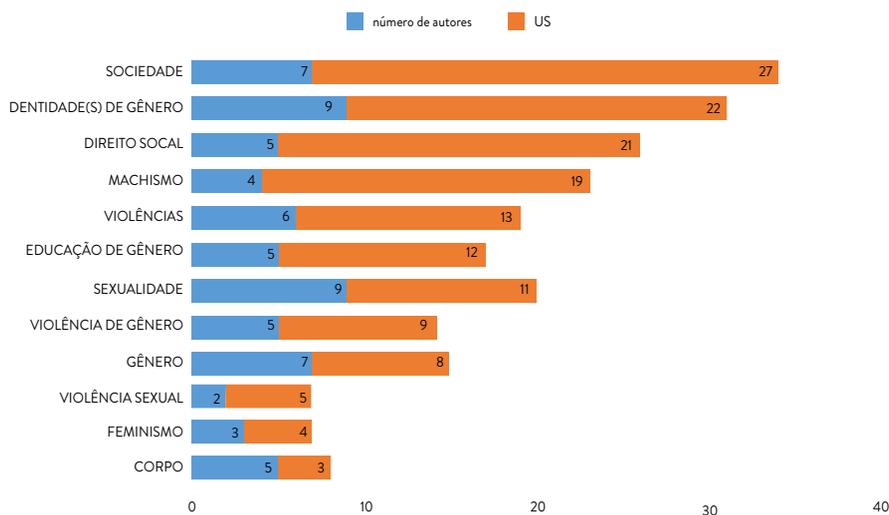
A partir da identificação das US com quatro ou mais referências, foi possível revisitar os quebra-cabeças, que pelo processo fenomenológico da ATD, são as descrições e as teorias *a priori* como pré-compreensões, (SOUSA; GALIAZZI, 2018) enquanto os mosaicos traduzem paisagens no movimento para compreensão ou no jogo de compreender o fenômeno da ATD (SOUSA; GALIAZZI, 2018), então, adentramos nas análises dos grupos temáticos, fundamentada no Gráfico 3 com o objetivo de análise das palavras em cada grupo.

Os agrupamentos temáticos foram realizados para reconhecer os estilos de pensamento. A construção dos agrupamentos temáticos acerca de gênero evidencia as relações com a violência, o que fortalece esse campo de pesquisas, na perspectiva de melhor compreender suas teorizações e seus conhecimentos, possibilitando rever conceitos. Foram identificados um total de 12 grupos temáticos. O eixo temático que tem mais US é “sociedade”, com 27 US.

Foi possível perceber a circulação de ideias entre as obras referências nos grupos temáticos, uma vez que os autores referenciados: Saffioti (12 grupos temáticos); Gregori (9 grupos temáticos); Butler (10 grupos temáticos) foram os que mais apareceram em grupos temáticos, sendo que nenhum dos autores apareceu em todos os grupos. Nesse sentido,

seguem as análises de cada grupo temático que formam os quatro meta-textos e pelo ciclo de ATD representam um esforço em explicitar uma nova compreensão que se apresenta como produto dos passos anteriores (MORAES; GALIAZZI, 2011).

Gráfico 3: Grupos temáticos com representação de número de autores e número de US



Fonte: Elaboração própria (2021).

Metatexto 1: sociedade e direito social

A Tabela 2 apresenta os dados referentes a dois grupos temáticos: sociedade e direito social.

Tabela 2: Sociedade e Direito Social

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|----------------|----------------------------|--------------------|--|
| Sociedade | relações sociais | P2, P9, P12, P13 | SAFFIOTI (1995 e 2004); SCOTT (1995); GREGORI (2008) |
| | sociedade | P4, P8, P9 | SAFFIOTI (2004); BUTLER (2003); SCOTT (1995); PRECIADO (2011); BOURDIEU (2002) |
| | representações | P13, P15 | BUTLER (2004); GREGORI (2008) |
| | construção social | P2, P9 | FONSECA (2017); BOURDIEU (2002) |
| | companheiro historicamente | P13, P19, P12, P15 | SAFFIOTI (1999); BUTLER (2003); SCOTT (1995); BUTLER (2004) |

Continua...

Tabela 2: Continuação.

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|-----------------------|-------------------------------------|------------------|--------------------------------|
| Sociedade | manifestações | P2, P8 | BUTLER(2003); FONSECA (2017) |
| | paradigma | P8, P13 | GREGORI (2008); BUTLER (2003) |
| | patriarcado | P11, P13 | SAFFIOTI (1999 e 2004) |
| | espaço externo | P5 | SAFFIOTI (1995) |
| | estruturas sociais | P15 | BUTLER (2010) |
| | estruturas ideológicas | P5 | SAFFIOTI (1995) |
| | papéis sociais | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | ideologia de gênero | P11 | BOURDIEU (1982) |
| | status social | P8 | SCOTT (1995) |
| | relação conjugal | P19 | SAFFIOTI (1999) |
| | socioeconômica da família | P12 | FONSECA (2007) |
| | esfera familiar | P13 | GREGORI (2008) |
| | casais homossexuais | P17 | BUTLER (2004) |
| | campo social | P15 | BUTLER (2010) |
| | sujeito hegemônico | P15 | BUTLER (2010) |
| | sujeitos socialmente construídos | P13 | BUTLER (2003) |
| | classes sociais | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | modo de produção | P4 | SAFFIOTI (2004) |
| | sociabilidade | P15 | BUTLER (2010) |
| | antropológicas | P13 | BUTLER (2003) |
| significados | P2 | SCOTT (1995) | |
| Direito Social | legítimo(s) | P8, P9, P15 | SAFFIOTI (1999); BUTLER (2003) |
| | legitimação social | P9, P12 | SAFFIOTI (1999); SCOTT (1995) |
| | desigualdade(s) | P4, P11 | SAFFIOTI (2004) |
| | heteronorma | P15 | BUTLER (2004) |
| | liberdade civil | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | liberdade | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | justiça | P13 | GREGORI (2008) |
| | políticas sexuais | P15 | BUTLER (2010) |
| | problematizar | P15 | BUTLER (2003) |
| | injúrias | P5 | SAFFIOTI (1995) |
| | vulnerabilidade, precariedade | P15 | BUTLER (2010) |
| | vulnerabilidade | P12 | FONSECA (2009) |
| | dignidade | P13 | GREGORI (2008) |
| | contrato social | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | direito patriarcal | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | crime social | P5 | SAFFIOTI (1995) |
| | direitos humanos | P15 | BUTLER (2010) |
| | proteção | P15 | BUTLER (2010) |
| | relações de poder | P2 | SCOTT (1995) |

Fonte: Elaboração própria (2021).

O Metatexto 1 é formado por dois grupos temáticos: sociedade (27 US e 7 Pesquisas) e direito social (21 US e 5 pesquisas). No grupo temático “sociedade”, as US com mais pesquisas foram: relações sociais; sociedade; historicamente; patriarcado; representações; construção social; companheiro. No grupo temático “direito social”, as US com mais pesquisas foram: legítimo(s); relações de poder. Todas as US que formam o Metatexto 1 foram identificadas em citações de sete autores e em 12 pesquisas (P2, P4, P5, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P15, P17, P19).

Ainda segundo as citações, encontramos uma em especial, que aparece em duas pesquisas (P13 e P19): “O próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (SAFFIOTI, 1999 p. 88). Identificamos que todas as pesquisas do grupo temático direito social estão presentes no grupo temático sociedade, compreendendo uma relação entre dever do homem e mulher na sociedade com os direitos estruturados pela sociedade. Isso evidencia mais ainda a citação.

Segundo Saffioti (2004), as relações de exploração e opressão a que as mulheres estão submetidas em base material têm relação direta com a sociedade, esta dividida em classes. Ao se pensar em exploração e opressão de gênero, Saffioti (2004) descreve essa violência com a mulher e a contribuição da sociedade para a formação do imaginário masculino que não corresponde à realidade das mulheres, mas reflete como a sociedade patriarcal enxerga e atribui papéis às mulheres.

Metatexto 2: machismo e feminismo

A Tabela 3 apresenta os dados referentes a dois grupos temáticos: machismo e feminismo.

Tabela 3: machismo e feminismo

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|----------------|--------------------|------------------|--|
| | dominação | P2, P9, P13, P19 | FONSECA (2017); SAFFIOTI (2004); GREGORI (2008); BOURDIEU (2002) |
| Machismo | posição subalterna | P2, P12, P9 | FONSECA (2017); SAFFIOTI (1995) |
| | virilidade | P9, P5 | BOURDIEU (2002); SAFFIOTI (1995) |

Continua...

Tabela 3: Continuação.

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|-----------------------|---|-----------------|-----------------------------|
| Machismo | masculinidade | P19 | SAFFIOTI (2004) |
| | acesso sexual | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | relações de exploração e opressão | P4 | SAFFIOTI (2004) |
| | sujeição | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | vítima passiva | P13 | GREGORI (2008) |
| | papel da mulher | P13 | GREGORI (2008) |
| | passividade feminina | P13 | GREGORI (2008) |
| | plano inferior | P11 | SAFFIOTI (2004) |
| | papéis inflexíveis de gênero | P11 | SAFFIOTI (2004) |
| | coação quanto aos trajes ou aos penteados | P9 | BOURDIEU (2002) |
| | padrões sexistas | P2 | FONSECA (2017) |
| | acesso sexual | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | contrato sexual | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | marido agressor | P19 | SAFFIOTI (1995) |
| supremacia masculina | P9 | SAFFIOTI (1999) | |
| sociodicéia masculina | P9 | BOURDIEU (2002) | |
| Feminismo | feminista(s) | P15, P17 | LOURO (1997); BUTLER (2004) |
| | feminismo | P13 | SAFFIOTI (1999) |
| | socialização feminina | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | debates | P15 | BUTLER (2010) |

Fonte: Elaboração própria (2021).

O Metatexto 2 é formado por dois grupos temáticos: machismo (19 US e oito pesquisas) e feminismo (quatro US e quatro pesquisas). No grupo temático machismo as US com mais pesquisas foram: dominação; posição subalterna; virilidade. No grupo temático feminismo as US com mais pesquisas foram: feminista(s). Todas as US que formam o Metatexto 2 foram identificadas em citações de seis autores e em 10 pesquisas (P2, P4, P5, P9, P11, P12, P13, P15, P17 e P19).

Ao se aprofundar nas US, encontraram-se citações que definem quase que por completo os termos dos grupos temáticos. Na P9, encontrou-se uma citação direta sobre essa relação da US “supremacia masculina”, das autoras Saffioti e Almeida (1995):

Se os homens cometem e sofrem violências no espaço público, reinam soberanos no espaço privado, como detentores do monopólio do uso ‘legítimo’ da força física. Com

feito, o domicílio constitui um lugar extremamente violento para mulheres e crianças de ambos os sexos, especialmente as meninas. Desta sorte, as quatro paredes de uma casa guardam os segredos de sevícias, humilhações e atos libidinosos estupro graças à posição subalterna da mulher e da criança face ao homem e da ampla legitimação social desta supremacia masculina. (apud SOUZA, 2017, p. 19).

Esta citação aponta que a violência de gênero, exercida por homens, sendo praticada contra a mulher, denominada de “machismo”, é algo muito mais comum dentro do ambiente familiar. Assim, emergindo no feminismo, do qual se descrevem as lutas das mulheres no seu cotidiano contra essa violência, Saffioti e Almeida (1995) definem:

Embora na socialização feminina estejam sempre presentes a suspeita contra desconhecidos e a prevenção de uma eventual aproximação com estes elementos, os agressores de mulheres são, geralmente, parentes ou pessoas conhecidas, que se aproveitam da confiança desfrutada junto às suas vítimas. (apud SOUZA, 2017, p. 19).

Analisando essas duas citações, que apresentam US nos dois grupos temáticos e na mesma pesquisa, observa-se a relação de violência gênero ligada à violência, em que as mulheres estão expostas, seja na rua ou em seu próprio lar. Portanto, a relativização dos papéis masculinos e femininos nas situações de violência proporciona uma reflexão teórica mais apropriada aos fenômenos ligados a sociais atuais, historicamente construídas e enraizadas no patriarcado.

Metatexto 3: Reflexões sobre a violência

A Tabela 4 apresenta os dados referentes a três grupos temáticos: violência de gênero, violência sexual e violências.

Tabela 4: Violência de gênero, violência sexual e violência

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|---------------------|------------------------|--------------|---|
| Violência de gênero | violência(s) de gênero | P8, P11, P13 | SAFFIOTI (2004); PRECIADO (2011); GREGORI (2008); BORRILLO (2009) |
| | hostilidade | P15 | LOURO (2000); BORRILLO (2009) |
| | fantasia | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | meninas | P9 | SAFFIOTI (1995) |

Continua...

Tabela 4: Continuação.

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|-----------------------|---|------------------|--|
| Violência de gênero | mulheres e crianças | P9 | SAFFIOTI(1995) |
| | agressor físico, sexual ou emocional de mulheres | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| Violência Sexual | cultura | P8 | PRECIADO (2011) |
| | normas excludentes | P15 | BUTLER (2010) |
| | conflitos interpretativos | P13 | GREGORI (2008) |
| | molestada | P9 | SAFFIOTI (2004) |
| | segredos de sevícias, humilhações e atos libidinosos/estupros | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | vítimas de abuso sexual | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | tipificação de abusos | P13 | GREGORI (2008) |
| | assédio sexual | P13 | GREGORI(2008) |
| Violências | violência(s) | P2, P9, P13, P15 | SAFFIOTI (1995); BUTLER (2003); FONSECA (2017); GREGORI (2008) |
| | agressores(agressões) | P9, P13, P19 | SAFFIOTI (1995) |
| | agredir | P13, P19 | SAFFIOTI (1995) |
| | vítimas | P13 | GREGORI (2008) |
| | agressão social | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | psicologia | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | violento | P9 | SAFFIOTI (1999) |
| | violência estrutural | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | violências praticadas | P11 | BORRILLO (2009) |
| | força física | P9 | SAFFIOTI (1995) |
| | agressões verbais, físicas e sexuais | P8 | PRECIADO (2011) |
| | criminalizar | P8 | PRECIADO (2011) |
| | violências praticadas | P11 | BORRILLO (2009) |

Fonte: Elaboração própria (2021).

O Metatexto 3 é formado por três grupos temáticos: violência de gênero (nove US e cinco pesquisas); violência sexual (cinco US e duas pesquisas) e violências (13 US e seis pesquisas). No grupo temático “violência de gênero” as US com mais pesquisas foram: violência(s) de gênero. No grupo temático “violência sexual”, as US só apareceram em pesquisas diferentes, por tanto não se destacou nenhuma US em mais de uma

pesquisa. No grupo temático “violências”, as US com mais pesquisas foram: “violência(s)”; “agressores (agressões)”; “agredir”. Todas as US que formam o Metatexto 3 foram identificadas em citações de sete autores e em sete pesquisas (P8, P11, P13, P15, P9, P2 e P19).

Ao se analisar as diversas formas de violência, a violência sexual é “compreendida como toda ação na qual uma pessoa, numa relação de poder, por meio de força física, coerção, sedução ou intimidação psicológica, obriga a outra pessoa a praticar ou submeter-se à relação sexual” (LABRONICI; FEGADOLI; CORREA; 2010, p. 402).

Foi possível identificar nas autorias que essa violência sexual está relacionada com a violência de gênero, assim como a violência física. O que também foi identificado nas US e citações apresentadas no Metatexto 2, é que, na maioria dos casos, quem exerce a violência é o homem, e a vítima sofre a violência dentro de sua própria casa. Nas análises dos grupos temáticos, encontramos na P13, presente em ambos os grupos, uma citação com a definição de violência e sua relação com gênero e a sociedade. Gregori (2008) aponta que, apesar das mulheres serem colocadas como vítimas, é levado em conta, além disso, as concepções patriarcais, em que homens e mulheres se conformam durante anos. Isso ainda se justifica a partir da citação: “concepções sobre sexualidade, educação, convivência e sobre a dignidade de cada um” (DEBERT; GREGORI, 2008 apud GOMES; SORJ, 2014, p. 791).

Metatexto 4: gênero, corpo e sexualidade

A Tabela 5 apresenta os dados referente a cinco grupos temáticos: gênero, corpo, sexualidade, identidade(s) de gênero, educação e gênero.

Tabela 5: Gênero, corpo, sexualidade, identidade(s) de gênero e educação e gênero

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|----------------|------------------------------|-------------------------------------|--|
| Gênero | masculinidade e feminilidade | P2, P8, P9, P11, P12, P15, P17, P19 | SAFFIOTI (2004); BUTLER(2003); PRECIADO (2002); FONSECA (2017); SCOTT (1995); LOURO (1997) |
| | gênero | P5, P8, P9, P11, P13, P14, P19 | SAFFIOTI (1995; 2004); BUTLER (2003); PRECIADO (2011); SCOTT (1995); GREGORI (2010) |

Continua...

Tabela 5: Continuação.

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|------------------------------|--------------------------------|------------------|--|
| Gênero | conceito de gênero | P2, P8, P12 | BUTLER (2003); SCOTT (1995); FONSECA (2017) |
| | coerência de gênero | P8, P13 | BUTLER (2003); GREGORI (2008) |
| | diferenças de gênero | P15 | PRECIADO (2002) |
| | metafísica da diferença sexual | -P15 | PRECIADO (2002) |
| | tradicional | P8 | BUTLER (2003) |
| | categoria | P8 | SCOTT (1995) |
| Corpo | corpo | P5, P8, P9, P15 | SAFFIOTI (1995); SCOTT (1995); PRECIADO (2008); BOURDIEU (2002); BUTLER (2003) |
| | corpo sexuado | P8 | SCOTT (1995) |
| | corpos biológicos | P12 | SCOTT (1995) |
| Sexualidade | sexos diferentes | P8, P12, P15 | FONSECA (2009); SCOTT (1995); BUTLER (2003); PRECIADO(2002) |
| | orientação sexual | P11, P17 | LOURO (1997) BORRILLO (2009) |
| | natureza sexuada | P15 | PRECIADO (2008) |
| | condição biológica feminina | P9 | BOURDIEU (2002) |
| | natureza biológica | P9 | BOURDIEU (2002) |
| | sexualidade | P5 | SAFFIOTI (1995) |
| | significação sexual | P8 | SCOTT (1995) |
| | desejo sexual | P17 | LOURO (2000) |
| | antagonismo sexual | P15 | PRECIADO (2008) |
| | biológico | P15 | PRECIADO (2008) |
| concepções sobre sexualidade | P13 | GREGORI (2008) | |
| Identidade(s) de gênero | identidade(s) de gênero | P8, P9, P11, P15 | BUTLER (2003); BORRILLO (2009); BOURDIEU (2002) |
| | binário | P8, P11, P15 | SAFFIOTI (2004); BUTLER (2003); PRECIADO (2002) |
| | discurso(s) | P5, P11, P13 | SAFFIOTI (1995); BOURDIEU (1982); GREGORI (2008) |
| | iniquidades de gênero | P2, P11 | FONSECA (2017); SAFFIOTI (2004) |

Continua...

Tabela 5: Continuação.

| Grupo temático | US | Pesquisas | Obras referências |
|-------------------------|---|-----------|-------------------------------|
| Identidade(s) de gênero | refletir | P8, P15 | BUTLER (2003; 2010) |
| | transexuais, intersexos e transgêneros | P8, P17 | BUTLER (2003); LOURO (1997) |
| | estereótipos | P12 | FONSECA (2009) |
| | heterossexual | P8 | BUTLER (2003) |
| | identidade hegemônica | P13 | BUTLER (2003) |
| | <i>queer</i> | P8 | BUTLER (2003); PRECIADO(2011) |
| | oposição binária | P5 | SAFFIOTI (1995) |
| | ordem patriarcal | P11 | SAFFIOTI (2004) |
| | rearticulações | P13 | BUTLER (2003) |
| | respeitado o nome social | P8 | PRECIADO (2011) |
| | subjetividade | P8 | PRECIADO(2011) |
| | variação sexual | P8 | BUTLER (2003) |
| | pertencimento | P8 | SCOTT (1995) |
| | ressignificação | P13 | BUTLER (2003) |
| | teoria | P8 | BUTLER (2003) |
| Educação e gênero | conceito | P13 | BUTLER (2003); GREGORI (2008) |
| | moral feminina | P9 | BOURDIEU (2002) |
| | conceitos identitários | P13 | BUTLER (2003) |
| | conhecimento | P12, P17 | LOURO (2000); FONSECA (2009) |
| | silenciamento | P17 | LOURO (1997) |
| | vida escolar | P15 | LOURO (2000); BORRILLO (2009) |
| | reflexão coletiva | P2 | FONSECA (2017) |
| | relação à sexualidade | P17 | LOURO (2000) |
| | desconhecimento e ignorância | P17 | LOURO (2000) |
| | educação tradicional | P2 | FONSECA (2017) |
| | escola nega e ignora a homossexualidade | P17 | LOURO (2000) |
| | educação | P13 | GREGORI (2008) |
| | escola reprodutora das desigualdades na sociedade | P11 | BOURDIEU (1982) |
| | crítico e reflexivo | P2 | FONSECA (2017) |
| | garantia da norma | P17 | LOURO (1997) |

Fonte: Elaboração própria (2021).

O Metatexto 4 é formado por cinco grupos temáticos: gênero (oito US e sete pesquisas); corpo (três US e cinco pesquisas); sexualidade (11 US e nove pesquisas); identidade(s) de gênero (22 US e nove pesquisas) e, por último, educação e gênero (12 US e cinco pesquisas). No grupo temático “gênero”, as US com mais pesquisas foram: masculinidade e feminilidade; gênero; conceito de gênero; coerência de gênero. No grupo temático “corpo”, a US com mais pesquisas foi: corpo. No grupo temático “sexualidade”, as US com mais pesquisas foram: sexos diferentes; orientação sexual. No grupo temático “identidade(s) de gênero”, as US com mais pesquisas foram: identidade(s) de gênero; binário; discurso(s); iniquidades de gênero; refletir; transexuais, intersexos e transgêneros. No grupo temático “educação e gênero”, a US com mais pesquisas foi: conhecimento. Todas as US que formam o Metatexto 4 foram identificadas em citações de todos os nove autores e em 11 pesquisas (P2, P5, P8, P9, P11, P12, P13, P14, P15, P17 e P19).

Emergindo das análises do Metatexto 4, encontram-se novas concepções e conceitos relacionados a gênero. Ao se analisar os aspectos que envolvem o conceito de sexualidade, entende-se que a sexualidade é uma palavra polissêmica, e que se encontra aberta a novos sentidos que vêm e virão de acordo com diferentes contextos e situações. Entretanto, pode-se pensar a sexualidade como um conceito empírico, sendo analítico e político, passando por constantes alterações, construído através de um complexo processo, envolvendo aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade e envolvem práticas e simbolizações (HEILBORN, 2006 apud COLLING; TEDESCHI, 2019).

Ao se relacionar corpo e sexualidade em P8, identifica-se uma definição para a US “corpo sexuado”. Scott (1995) descreve que “Em numerosos trabalhos acadêmicos contemporâneos, designa-se por “sexo” o que deriva do corpo sexuado (masculino ou feminino) e por “gênero” o que se reporta à significação sexual do corpo na sociedade (masculinidade ou feminilidade)” (SMITH; SANTOS, 2017, p. 1087).

As instituições sociais escola e família desempenham papéis significativos na perpetuação da ordem dos gêneros. Tem-se como exemplo no ambiente familiar os estereótipos passando a ser inculcados desde a criação da criança, na existência de uma divisão sexual do trabalho. As instituições educativas podem contribuir com a reprodução desses estereótipos, propiciando a inserção de um padrão de comportamentos femininos e masculinos, sendo considerados culturalmente corretos.

Segundo Colling e Tedeschi (2019, p. 141), “o corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc.”, portanto, não é algo definido *a priori*, nem mesmo é imutável. “O corpo é suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz” (COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 141). Conceitos como esses, apresentados no Metatexto 4, demonstram uma emergência nos estudos de termos e uma nova reeducação da sociedade, combatendo as raízes patriarcais estabelecidas durante anos de violência e preconceitos.

Considerações finais

Esta investigação permitiu constituir, por meio de um campo de pesquisas, uma base de dados das publicações sobre gênero e as relações com as diferentes formas de violências. A partir da busca no indexador Scielo, foi possível constituir estilos e coletivos de pensamento que caracterizam a pesquisa do tema gênero.

Todo o processo de constituição de planilhas (gráficos e tabelas) permitiram um contato muito aprofundado com cada pesquisa, cada autor(a) e cada referência. Cabe pensar na importância dessa relação no recorte temporal realizado neste estudo, por isso as tabelas divididas em grupos temáticos permitiram elucidar os coletivos de pensamento que se desenrolam nos conceitos e referências sobre gênero em relação à violência.

Em vista dos argumentos analisados, podem-se definir os estilos de pensamento como categorias e temas de pesquisa, que foram apresentados nas análises dos dados. Cada artigo da base de dados foi analisado e inserido pelo recorte em estilos de pensamento e, posteriormente, perpassados por coletivos de pensamento.

Dessa forma, os agrupamentos temáticos foram realizados para reconhecer os estilos de pensamento. A construção dos agrupamentos temáticos acerca de gênero evidencia as relações com a violência, o que fortalece esse campo de pesquisas na perspectiva de melhor compreender suas teorizações, seus conhecimentos, possibilitando rever conceitos. Pelo ciclo de ATD, cada grupo temático formou no total

quatro metatextos, que representaram os esforços em explicitar uma nova compreensão.

As análises possibilitaram aproximações com a epistemologia fleckiana, pois foi possível identificar que o coletivo de pensamento é unidade social da comunidade de pesquisadores do tema gênero. Enquanto o estilo de pensamento são as pressuposições sobre as quais os autores usam como referência (citações), o coletivo forma um edifício teórico, ou grupo, que foram identificados como concepções de gênero elencadas nestas pesquisas.

Levando-se em consideração esses aspectos, foi possível dar visibilidade aos coletivos de pensamento pela epistemologia fleckiana, pois, mesmo distantes fisicamente, os grupos apresentados nas análises da base de dados desta pesquisa estão alinhados intelectualmente, sendo coletivos que no que lhes concerne, formam o estilo, num conhecimento revelado na construção coletiva do pesquisador e seus pares, que usam os mesmos referenciais e têm as mesmas perspectivas.

Em virtude da análise apresentada pela base de dados, foi possível a identificação de 12 grupos temáticos que caracterizam as pesquisas de caráter documental sobre gênero e violência, e foi possível categorizar por meio da ATD as linhas teóricas e diferentes concepções presentes na base de dados pesquisada.

Evidenciou-se neste estudo que gênero e violência, temas variados e analisados a partir de diferentes pontos de vista teóricos e conceituais, são referenciados e descritos com definições estruturais sociais. Esses conceitos estão relacionados diretamente a uma sociedade patriarcal, em que o preconceito e padrões sociais são a base da sociedade.

Com isso, compreendeu-se que as pesquisas que debatem gênero e violência na contemporaneidade compõem pluralidades e diversidades, que têm em comum o desejo de desconstruir as desigualdades e as injustiças sociais. Essas compreensões foram evidenciadas pela ATD no Metatexto 1, em que a US “relações sociais”, presente em mais pesquisas, está ligada às definições de gênero e violência.

Pesquisadores do campo educacional acreditavam que seria possível encontrar mais pesquisas e US relacionadas a novos conceitos e estudos, com o objetivo de combater a violência e preconceitos para uma nova sociedade igualitária, entretanto, não encontramos em quantidades significativas US e pesquisas para um estudo no campo da educação. Tendo em vista que a área da educação tem forte potencial preventivo de violência de gênero e sexual, pela abrangência do tema, dado o elevado número de

instituições educativas na educação básica e no ensino superior no território brasileiro, acredita-se no empoderamento de gênero, na prevenção do preconceito e da violência.

Assim, esta pesquisa estabeleceu relações com áreas de conhecimento e possibilitou reconhecer as US que caracterizam definições criadas pela sociedade a partir de pesquisas. Por fim, salienta-se a importância de seguir pesquisando o tema de gênero e violência, independente da perspectiva de análise, pois a base de dados elencou uma análise aprofundada de US e autores ligados ao tema; que possibilitou o conhecimento e/ou reconhecimento de estudos que estão sendo ou já foram realizados no Brasil. Ainda possibilitou-se perceber a circulação de ideias e as compreensões pela ATD da base de dados e de um campo de pesquisas com estilos e coletivos de pensamento sobre gênero e violência.

Referências

BRILHANTE, A. V. M.; NATIONS, M. K.; CATRIB, A. M. F. “Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil.

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00009317, 2018.

BORRILLO, D. A Homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (org.). **Homofobia e educação**: um desafio ao silêncio. Brasília, DF: LetrasLivres; Ed. UnB, 2009. p. 15-46.

BOURDIEU, P. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Marcos de guerra**: las vidas lloradas. Buenos Aires: Paidós, 2010.

CASTANHEIRA, C. Marcas da violência e jogos do poder no romance urbano de Patrícia Melo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n. 36, p. 241- 250, 2010.

COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

DELZIOVO, C. R. *et al.* Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 6, e00002716, 2017.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 39-50, 2011.

FLECK, L. **La gênesis y desarrollo de un hecho científico**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FONSECA, R. M. G. S. Gênero e saúde da mulher: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. *In*: FERNANDES, R. A. Q.; NARCHI, N. Z. (org.). **Enfermagem e saúde da mulher**. São Paulo: Manole, 2007.

FONSECA, R. M. G. S.; OLIVEIRA, R. N. G.; FORNARI, L. F. Prática educativa em direitos sexuais e reprodutivos: a oficina de trabalho crítico-emancipatória de gênero. *In*: KALINOWSKI, C.; CROZETA, K.; COSTA, M. (org.). **PROENF**: Programa de Atualização em Enfermagem – Atenção Primária e Saúde da Família – Ciclo 6. Porto Alegre: Artmed Panamericana; 2017. p. 59-119.

GOMES, C.; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 433-447, 2014.

GOMES, C. M. O feminicídio na ficção de autoria feminina brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 781-794, 2013.

GREGORI, M. F. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 575-606, 2008.

GREGORI, M. F. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e os limites da sexualidade. São Paulo. Companhia das Letras, 2016.

GUEDES, R. N.; SILVA, A. T. M. C.; FONSECA, R. M. G. S. A violência de gênero e o processo saúde doença das mulheres. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 625-631, 2009.

MENEZES, M. S.; SILVA, J. P. Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 122-129, 2017.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual e discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

LABRONICI, L. M.; FEGADOLI, D.; CORREA, M. E. C. Significado da violência sexual na manifestação da corporeidade: um estudo fenomenológico. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 401-406, 2010.

LOURENÇO, R. G.; FORNARI, L. F.; SANTOS, D. L. A.; FONSECA, R. M. G. S. Intervenções comunitárias relacionadas à violência entre parceiros íntimos adolescentes: revisão de escopo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 72, n. 1, p. 289-298, 2019.

LORENZETTI, L. Educação ambiental e a epistemologia de Fleck. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anped, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUHLEN, B. K. V.; STREY, M. N. Desconstruindo estereótipos de gênero para o empoderamento conjugal. *In*: STREY, M. N.; SOUZA, N. A. P. (org.). **Corpo e relações de gênero na contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 61-80.

OLIVEIRA, R. M.; DINIZ, D. Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 241-256, 2014.

PALHARINI, L. A. Autonomia para quem? O discurso médico hegemônico sobre a violência obstétrica no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 49, e174907, 2017.

PILECCO, F. B.; KNAUTH, D. R.; VIGO, Á. Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 427-439, 2011.

PISCITELLI, A. Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 159-199, 2014.

PIOSIADLO, L. C. M.; FONSECA, R. M. G. S.; GESSNER, R. Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 728-733, 2014.

PRECIADO, B. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

QUEIRÓS, W. P.; NARDI, R. Um panorama da epistemologia de Ludwik Fleck na pesquisa em ensino de ciências. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA, 11., 2008, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: SBF, 2008.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, 2017.

SAFIOTTI, H. I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 82-90, 1999.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos PAGU**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SANTOS, V. A.; COSTA, L. F. A violência sexual contra crianças e adolescentes: conhecer a realidade possibilita a ação protetiva. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 529-537, 2011.

SCHAEFER, R. *et al.* Políticas de Saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-brasileiro: especificidades e aproximações. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2849-2858, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SMITH; A. S. P. O.; SANTOS, J. L. O. Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1083-1112, 2017.

SOUSA, R. F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, 2017.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. O jogo da compreensão na análise textual discursiva em pesquisas na educação em ciências: revisitando quebra-cabeças e mosaicos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 799-814, 2018.

SOUSA, M. O.; SIRELLI, P. M. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 132, p. 326-345, 2018.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C.; SCHMIDT, E. B. Interpretações fenomenológicas e hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a compreensão em pesquisas na educação em ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, 2016.

SOUZA, N. A. P. (org.). **Corpo e relações de gênero na contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 144-145.

TAVARES, M. S. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 101, p. 121-145, 2010.

Recebido em 22 de fevereiro de 2021.

Aprovado em 12 de julho de 2021.